



# O polemista *em cena*

Bruce Gomlevsky **encarna Nelson Rodrigues** em monólogo que explora o **pensamento do jornalista, escritor e dramaturgo** considerado o pai do **teatro moderno** brasileiro. Página 2

AFFONSO NUNES

**N**elson Rodrigues morreu há quase 50 anos, mas suas palavras continuam provocando reações. Neste mês de maio, o dramaturgo volta à cena — literalmente — em um monólogo que traz Bruce Gomlevsky interpretando o autor de clássicos como “Vestido de Noiva”, “O Beijo no Asfalto” e “Álbum de Família”. “Nelson Rodrigues – O Passado Sempre Tem Razão” está em cartaz no Teatro 2 do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB RJ), em temporada até o dia 25.

O monólogo não segue uma trajetória biográfica convencional. Quem assina a dramaturgia e a direção é o jornalista Carlos Jardim, que passou mais de quatro meses pesquisando o universo do escritor. Ao invés de contar cronologicamente a vida de Nelson, Jardim mergulhou em suas falas, escritos e pensamentos — reunindo trechos de entrevistas em vídeo, livros e crônicas para compor um texto que é quase 100% fiel aos originais do dramaturgo. “Busco mostrar o Nelson que não foge da polêmica, que faz reflexões profundas, mas que também se mostra humano e, às vezes, até vulnerável”, explica Jardim.

Nelson Rodrigues não apenas escreveu para o teatro — redefiniu o que era possível dizer em cena no Brasil. Suas peças são até hoje radiografias do inconsciente coletivo carioca, desvendando camadas de hipocrisia, desejo reprimido e violência cotidiana que a sociedade preferia ignorar. Seus textos continuam gerando escândalo, identificação e incômodo — exatamente como quando estrearam. Sua linguagem, deliberadamente coloquial e brutal, recusava a elegância artificial do teatro de sua época. Críticos o ignoraram, plateias o vaiaram, censores o proibiram. Mas ele permaneceu impassível diante da rejeição, porque sabia que estava capturando verdades que ninguém mais ousava nomear.

Gomlevsky tem uma relação de longa data com a obra do dramaturgo — dirigiu espetáculos como “Bonitinha, Mas Ordinária” e “Anti-Nelson Rodrigues”. Interpretar o autor era um desejo antigo. “Sou apaixonado pela obra dele. Um profundo conhecedor da psique humana. Autor de estilo único, criador de uma linguagem própria que coloca em cena e desnuda o que há de mais profundo no inconsciente humano”, afirma Gomlevsky. O ator já viveu outros personagens reais em palco — Renato Russo, Raul Seixas — e no cinema interpretou Henfil. Para este projeto, estudou todo o universo rodrigueano, assistindo a entrevistas e depoimentos em uma pesquisa minuciosa.

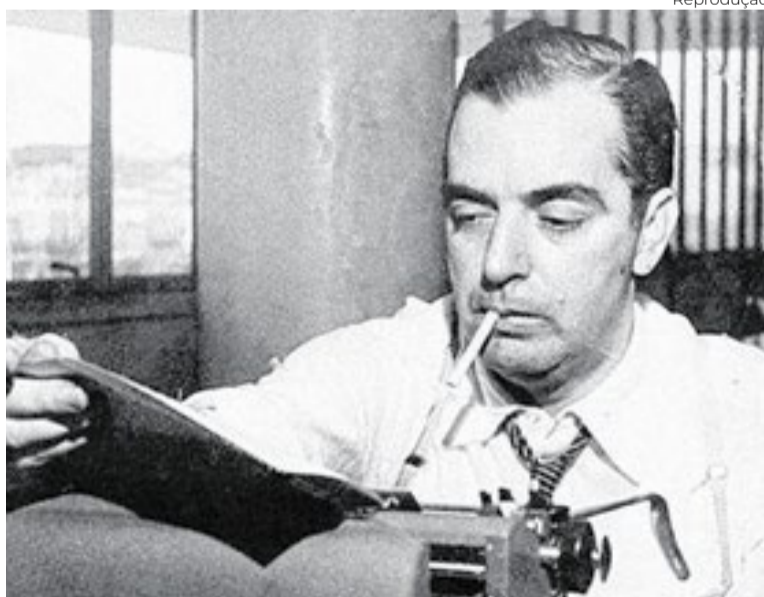
O processo criativo foi cola-



Bruce Gomlevski no Estádio das Laranjeiras onde Nelson se fez torcedor ferrenho do Fluminense

# Nelson, PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Dramaturgia do espetáculo é totalmente composta de falas do controverso escritor



Reprodução

“Sou apaixonado pela obra dele. Um profundo conhecedor da psique humana. Autor de estilo único, criador de uma linguagem própria que coloca em cena e desnuda o que há de mais profundo no inconsciente humano”

BRUCE GOMLEVSKI

que podem gerar identificação ou repúdio, mas que nunca deixam indiferente.

Para Jardim, trazer esses questionamentos é particularmente relevante em um momento de polarização. “O que mais me atrai é poder provocar discussões ainda muito pertinentes através do pensamento dele, especialmente no mundo de hoje, em que o diálogo e as dúvidas deram lugar a certezas absolutas e posições radicais que não admitem revisão”.

Nelson Rodrigues nasceu em Recife em 1912, mas foi no Rio que consolidou sua identidade como jornalista, escritor e dramaturgo. Sua obra — peças, romances, crônicas, contos — é fundamental para a cultura brasileira. No teatro, alcançou seu apogeu com peças que se tornaram referência na dramaturgia brasileira. A crítica nem sempre o aplaudiu. Algumas de suas montagens foram vaiadas. O reconhecimento, muitas vezes, veio tardiamente, pois estava sempre à frente de seu tempo. Quase 50 anos após sua morte, em 1980, continua sendo celebrado, montado e debatido — embora, frequentemente, incompreendido. Como ele próprio afirmou em uma de suas máximas mais célebres: “toda unanimidade é burra”.

## SERVIÇO

**NELSON RODRIGUES – O PASSADO SEMPRE TEM RAZÃO**

Teatro 2 — Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro) Até 25/5, segundas, quartas e sábados (19h) e domingos (18h) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

borativo. Jardim chegou à sala de leitura com um roteiro pronto, mas deixou claro que estava aberto a sugestões. “Bruce é um apaixonado pelo Nelson e sonhava em interpretar o dramaturgo. Conforme fomos lendo e trabalhando no texto, ele foi trazendo trechos incríveis, que se encaixavam com perfeição à ideia original”, conta Jardim. Bruce complementa: “Quando li a dramaturgia inicial já me apaixonei pelo projeto, mas sugeri que continuássemos em uma busca que pudesse enriquecer ainda mais a dramaturgia. Temos um diretor brilhante e muito aberto para um processo colaborativo”.

O espetáculo traz reflexões que permanecem atuais. Temas como amor, adultério, morte, o Rio de Janeiro e suas contradições, o subúrbio carioca e seu cotidiano pulsante ganham espaço. Em 2026, ano de eleições e Copa do Mundo, as opiniões de Nelson sobre futebol, principalmente o Fluminense, e política — frequentemente polêmicas — entram em cena. Pensamentos

# Jarê

## pede licença na Sapucaí

Vila Isabel anuncia enredo baseado no premiado romance 'Torto Arado' com foco na luta e resistência dos quilombolas

AFFONSO NUNES

**A** Unidos de Vila Isabel escolheu um caminho literário para o Carnaval 2027. O enredo "Torto Arado — sobre a terra há de viver sempre o mais forte" adapta o romance de Itamar Vieira Junior, publicado em 2019 pela editora Todavia, que conquistou os prêmios LeYa (2018), Jabuti e Oceanos (ambos em 2020). O livro ultrapassou 1 milhão de cópias vendidas e ganhou dezenas de traduções para outros idiomas, consolidando-se como fenômeno literário brasileiro. Agora, Gabriel Haddad e Leonardo Bora, em parceria com o pesquisador Vinícius Natal, transformam a narrativa da Chapada Diamantina em desfile.

Enquanto o romance narra a saga de uma família quilombola através de vozes femininas, o enredo se propõe contar a história pelo olhar do Jarê, religião de matriz africana específica da região baiana que nunca havia sido abordada em um desfile do Grupo Especial. Gabriel Haddad explica que a ideia começou a ser desenvolvida em 2023, após a leitura da obra. "Percebemos que o universo do Jarê nunca tinha sido celebrado na Sapucaí", afirma. Segundo o carnavalesco, o encontro com Itamar Vieira Junior durante uma cerimônia religiosa no Museu Nacional, quando já trabalhavam no enredo de 2026 em homenagem a Heitor dos Prazeres, reforçou a convicção de que era o momento ideal para levar "Torto Arado" à Avenida.

Professor do departamento de Ciência da Literatura da UFRJ, Leonardo Bora conta que trabalha com o livro em sala de aula. Ele destaca que a adaptação não

“Ver 'Torto Arado' ganhar vida no Carnaval me emociona. O samba tem a capacidade de ampliar vozes, de transformar memória em celebração e resistência”

ITAMAR VIEIRA JR

será literal. “A linguagem de um desfile de escola de samba é única. Tivemos conversas longas com Itamar, e uma palavra foi bastante repetida: liberdade”, comenta.

Segundo Bora, o autor pediu liberdade criativa aos carnavalescos, o que se conecta com um dos temas centrais da obra. A prosa alegórica de “Torto Arado”, repleta de metáforas, oferece material rico para a criação de fantasias e alegorias. O enredo aborda a luta pela terra em um país marcado por violência fundiária, retratando um Brasil que ainda existe — subjugado, oprimido e alijado de suas terras.

A narrativa será conduzida pela voz de uma encantada, Santa Rita Pescadeira, testemunha oculta das lutas do território. O enredo mantém a identidade histórica da Vila Isabel, que já abordou questões de demarcação de terras e reforma agrária em outros desfiles. Vinícius Natal, pesquisador da agremiação, aponta que a Vila



Itamar Vieira Jr (de azul) com os carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora e o pesquisador Vinícius Natal. Vila Isabel levará temática de 'Torto Arado' para seu desfile no carnaval 2027

é conhecida como “uma escola de luta”, com tradição de enredos que dialogam com memórias do pós-abolição e das estruturas fundiárias brasileiras.

Itamar Vieira Junior reagiu com emoção ao anúncio. “Ver 'Torto Arado' ganhar vida em uma adaptação para o Carnaval, por meio do enredo da Vila Isabel, é algo que me emociona profundamente. O samba tem a capacidade de ampliar vozes, de transformar memória em celebração e resistência”, declarou o autor.

A Unidos de Vila Isabel será a quarta escola a desfilar no domingo de Carnaval, 7 de fevereiro de 2027.

# Palma (também) é dinheiro



Área de negócios do maior festival do mundo, o Marché du Film é um mundo paralelo de Cannes, com exibições para distribuidoras e redes exibidoras em busca de lucro na arte



Cerca de 16 mil participantes são esperados pelo Marché du Film este ano, ao longo de dez dias

## RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

**P**residente do júri da Palma de Ouro de 2026, o sul-coreano Park Chan-wook não tem nenhuma jurisdição sobre os critérios de qualidade do Marché du Film, a área do Festival de Cannes na qual negócios milio-

nários são fechados a cada ala. Ali, entre pavilhões de diversos países, quem legisla é a hipótese de lucro. Este ano, esse setor do Palais des Festivals da Croisette, que se estende ainda por um pedaço da orla, vai mobilizar 40 mil profissionais e receber cerca de 16 mil participantes, egressos de 140 nações, incluindo o Brasil, que sempre mantém um dos mais amplos estandes dessa feira onde projetos

de longas, de curtas e de séries são promovidos.

O cinema brasileiro pede holofotes no Marché deste ano com títulos como “A Versão da Lei”, de Ninna Fachinello, que passa em Cannes no dia 18 de maio, na seção First Look do Showcase do Brasil. A trama acompanha Sol, advogada vivida por Tati Vilella, que atua na defesa de mulheres em situação de violência enquanto

lida com os impactos emocionais desses casos.

Os Estados Unidos, a França e o Reino Unido continuam sendo os três principais países em termos de participação, enquanto a Europa continua liderando como a região mais representada. A Ásia está ganhando forte impulso, impulsionada notavelmente pelo Japão, País de Honra deste ano no evento, com três filmes em concurso pela

Palma e mais uma leva de títulos espalhados por outras seções.

A indústria japonesa registra um aumento de quase 50% na participação, tornando-se o quinto país mais representado no mercado cinematográfico deste ano. Um de seus títulos mais esperados é “The Samurai and the Prisoner”, de Kiyoshi Kurosawa, sobre um lorde guerreiro do século XVI.

O crescimento também está se acelerando em outras regiões. No perímetro do Palais chamado de Vila Internacional, com tendas de múltiplas pátrias, o Iraque retorna pelo segundo ano consecutivo, enquanto o Egito está dobrando o tamanho de sua presença em Cannes, apoiado no prestígio do Festival do Cairo. Em 2026, o Benin está fazendo sua primeira aparição no Marché. A América Latina também está fortemente representada, não apenas por produtoras de CEP brasileiro, mas por meio de atividades organizadas em colaboração com a Ventana Sur — o principal mercado audiovisual da América Latina coorganizado na Argentina e no Uruguai.

Um dos projetos latinos a passar por lá é “La Marca del Jaguar”, que une Brasil e México, sob a realização de Victor Mayorga. A produtora brasileira Origem Content, de Ducca Rios e Maria Luiza Barros — conhecida por Meu Tio José e Revoada – Versão Steampunk —, em sinergia com a distribuidora Tucuman/Fênix, liderada por Priscila Miranda do Rosário, associa-se à mexicana Ocelotl Company para levar o projeto ao circuito internacional. No argumento, Xilacatzin, uma jovem guerreira que ostenta a marca do jaguar no peito, vive uma aventura épica quando a deusa Itz'papatl rouba os ossos sagrados do Templo Mayor, ameaçando aniquilar a humanidade. Injustamente acusada do roubo, Xilacatzin foge para recuperar os ossos e salvar o mundo.

# Lusofonia em concurso

Embora nenhuma produção dirigida por artistas do Brasil esteja na competição oficial da 79ª edição de Cannes, a língua portuguesa tem, sim, uma chance de sair da Croisette com a Palma de Ouro... mas a de curtas... por conta de um concorrente lusitano: “Algumas Coisas Que Acontecem Ao Lado de um Rio”, de Daniel Soares.

Nessa narrativa de 14 minutos, um grupo de adolescentes se deixa levar por uma correnteza fluvial, fingindo estar mortos para postar nas redes sociais. Um deles fica à deriva. Teresa Madruga, Clara Namora e Rui Pedro Silva estão no elenco, fotografados por Marta Simões.

Concorrem com “Algumas Coisas Que Acontecem Ao Lado de um Rio” nove curtas: “Dernier



‘Algumas Coisas Que Acontecem Ao Lado De Um Rio’ concorre à Palma de curtas, via Portugal

Printemps”, de Mathilde Bédouet (França); “Giac Mo Là Oc Sên” (“Le Rêve est un Escargot”), de Thien An Nguyen (Vietnã); “Le Bain des Sirènes”, de Lola Degove (França); “Niko Ništa Nije Rekao” (“Personne N’a Rien Dit”), de Tamara Todorovic (Sérvia); “Nouvel Hair”, de Hadrien Bels (França); “Para los Contrincantes” (“Aux Adversaires”), de Federico Luis (Argentina); “Peloton Trueno” (“Peloton Tonnerre”), de Theo Montoya (Colômbia); “Spiritus Sanctus”, de Michal Toczek (Polónia); “The End”, de Niki Lindroth Von Bahr (Suécia).

Portugal entra nas plataformas oficiais de Cannes ainda com o longa “Aquí”, de Tiago Guedes, ambientado em mundo distópico. (R. F.)



Divulgação

Anaïs Demoustier em 'La Vénus Électrique', longa de abertura do festival de 2026



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

# Entrada à francesa

'La Vénus Électrique' renova uma tradição assumida pela França desde a pandemia de abrir o mais prestigiado festival do mundo com sua prata da casa, consagrando sua vozes autorais

Desde a pandemia, quando o musical "Annette", de Leos Carax, abriu o Festival de Cannes de 2021, diante de uma plateia mascarada, separada pelos códigos do distanciamento social, a França tomou para si a tarefa de abrir seu maior (e mais pomposo) evento cinematográfico, de modo a estampar sua saúde criativa no audiovisual para o mundo. Teve até ganhador de Oscar nessa função: Michel Hazanavicius (de "O Artista"). Ele inaugurou a programação de

2002 com "Corta!" ("Coupez!", uma comédia de zumbis.

Esse trabalho, em 2026, foi confiado ao diretor Pierre Salvadori, com a comédia em clima (e graça) de vaudeville "La Vénus Électrique", exibida na última

terça-feira. Foi uma consagração para sua estrela, a atriz Anaïs Demoustier, que esteve no fenômeno de bilheteria "O Conde de Monte Cristo", em 2024. Em meio ao que se viu no abre-alas do evento, desde o cult de Carax, hoje na MUBI,

a prata da casa fez jus a seu brilho. É um potencial sucesso.

Salvadori, um prolífico roteirista nascido na Tunísia, ficou conhecido entre as plateias do Brasil com "Uma Doce Mentira" (2010) e "Em Um Pátio De Paris" (2014).

Em "La Vénus Électrique", ele nos leva até a Paris de 1928, onde o jovem pintor Antoine Balestro (Pio Marmai) lamenta a morte de sua esposa Irène, pela qual se culpa e que o fez perder a motivação para pintar. Refém do álcool, ele tenta entrar em contato com a esposa por meio de uma médium certa noite. Uma jovem trabalhadora de parque de diversões chamada Suzanne (Anaïs Demoustier), que havia entrado furtivamente no trailer apenas para roubar comida, finge ser uma clarividente para Antoine. O negociante de arte do artista, o marchand Armand (Gilles Lellouche), está desesperado para que seu cliente continue pintando, então convence Suzanne a manter a farsa em troca do pagamento de suas dívidas. Ela começa a encenar sessões espíritas improvisadas para Antoine, nas quais finge canalizar Irène. À medida que Antoine melhora gradualmente, Suzanne se vê se apaixonada pelo homem que está manipulando. Anaïs apaixonou a Croisette inteira com o seu jeitinho sagaz de atuar.

Em 2025, o longa de abertura de Cannes foi "O Segredo Da Chef" ("Partir Un Jour"), de Amélie Bonnin, projetado entre nós no Festival de de Cinema Francês do Brasil (oex-Varilux), em novembro. Essa delícia musical foge dos códigos da Broadway. Nele, uma chef que bomba em reality shows de culinária, a bem-sucedida cozinheira Cécile Béguin (papel de Juliette Armanet), precisa voltar à cidade natal para ajudar o pai e reencontra o crush dos tempos de escola cheio de amor pra dar. O problema: ela está grávida de seu namorado. O enredo cheio de viradas afetivas ajudou a fita a vender 651 mil ingressos na França.

Em 2024, a abertura de Cannes foi feita pelo pavoroso "O Segundo Ato", de Quentin Dupieux, e em 2023, essa atribuição coube ao belo "A Favorita do Rei", de Maiwenn, com Johnny Depp.

## Caindo na real com Alain Cavalier

Festival de La Rochelle/Divulgação



O nonagenário Alain Cavalier volta a Cannes pela Quinzena dos Cineastas

Nesta quinta-feira (14), Cannes tem um compromisso semiológico com o real, numa mistura de ensaio, documentário, diário filmado e fabulação chamada "Merci d'Être Venu" (título literalmente traduzível como "Obrigado Por Ter Vindo"), cujo diretor é um patrimônio (hoje nonagenário) do cinema francês: Alain Cavalier.

Na ativa desde 1958, quando dirigiu "Um Americano", o realizador de 94 anos bagunça fronteiras formais em sua nova produção, convocada para a Quinzena de Cineastas.

Ele atribui o projeto a um empurrãozinho afetivo do produtor

Michel Seydoux, com quem trabalha há quarenta anos. "Ele me obrigou a concluir a organização cinematográfica dos meus últimos desejos de filmar. Tendo alcançado, dizem, uma doce serenidade, será que posso pedir a ele que não me transmita as eventuais críticas sobre o filme?", questiona o realizador, na sinopse desse longa, que pode se tornar seu trabalho de maior relevância desde "Pater", que concorreu à Palma de Ouro de 2011, subvertendo as regras do que é vivido e do que é encenado.

Historicamente, seu longa mais consagrado é "Thérèse", que ganhou o Prêmio do Júri de Cannes em 1986. (R. F.)

## SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSOARES)

Imagem criada com a IA Nano Banana



## Futebol e música: parceria brasileira com toque carioca

**ESTA COLUNA NÃO NASCEU PARA INFORMAR.** Surgiu para lembrar que o Brasil, às vezes, não se explica, simplesmente acontece. E o Rio de Janeiro é desses lugares em que a notícia pode vir em forma de música, de pintura, de cinema, de bola e até de camisa. Na última segunda-feira à noite, o Conselho Deliberativo do Flamengo aprovou a coleção de uniformes de 2027. Entre eles, um terceiro modelo que não é apenas peça esportiva: é uma ode à memória musical brasileira e carioca.

**UMA HOMENAGEM À TROPICÁLIA,** representada pela capa psicodélica do álbum “Jorge Ben” (1969) — um objeto que já parecia escapar do tempo. Ali, nada é neutro. O preto predominante no uniforme é a cor da pele da maioria dos torcedores. Estampado nele, o escudo surge em rosa intenso, quase como se quisesse chocar. As listras seguem o mesmo caminho. E os detalhes - gola e punhos - vêm tomados por flores tropicais em amarelos, azuis e laranjas, tão psicodélicos quanto o design que lhe inspirou. Nas costas, uma frase direta: Sou Flamengo. Sem adjetivo. Sem legenda. Só pertencimento.

**O FUTEBOL CARIOCA SEMPRE TEVE ESSA VOCAÇÃO** rara de misturar mundos: campo e rua, arquibancada e esquina, bola e música. O Fluminense já encostou nisso quando aproximou suas cores da Mangueira e de Cartola. Mas não se trata apenas de homenagem. Cartola escolheu o verde e rosa como quem reconhece uma paisagem que já existia antes dele. Depois, devolveu isso ao futebol em forma de música. Não há hierarquia nesse vai-e-vem. O Vasco também participa dessa circulação. Em 2021, lançou uma camisa inspirada em “Timoneiro”, de Paulinho da Viola.

**MAS A VERDADE É QUE PAULINHO** não entra no clube por homenagem: ele já estava ali antes, como parte de uma estética de sobriedade e precisão que parece conversar com São Januário. E há sempre o que ainda não aconteceu, mas já está sugerido no ar. O Botafogo, por exemplo, carrega essas possibilidades como quem guarda histórias futuras: Beth Carvalho, por exemplo. Quando o olhar sai do Rio, o mesmo movimento aparece com outros sotaques. No Rio Grande do Sul, Lupicínio Rodrigues não é apenas lembrado pelo Grêmio. Ele é estrutura. O hino é uma das obras-primas do inesquecível compositor gaúcho. No Recife, Ariano Suassuna atravessa o Sport como referência de narrativa. Um clube que também é história contada, exagerada, reinventada, como toda boa história popular. E há ainda as conexões que vivem melhor na conversa do que no registro. Chico Science e Santa Cruz, Recife e mangue, torcida e som.

**ALGUMAS LIGAÇÕES NÃO PRECISAM DE DOCUMENTO.** O Brasil inteiro parece funcionar assim: um grande sistema de trocas entre música, imagem, memória e futebol. Onde artistas viram referência de clube, e clubes viram extensão de imaginário. O Flamengo, ao vestir a psicodelia de “Jorge Ben” e a energia tropicalista, apenas reconhece isso: que o uniforme nunca foi só uniforme. É instrumento de linguagem. É lugar onde o país se escreve sem precisar se explicar demais. E no Rio de Janeiro, esse território onde tudo se cruza com tudo, o futebol segue sendo uma das formas mais diretas de dizer o Brasil sem precisar traduzir.



Divulgação

O violão de Sérgio Santos e o clarinete de Nailor Proveta formam a espinha dorsal de ‘Todo Samba’, trabalho que eleva a dimensão harmônica do gênero

# Um artista com o dom de colecionar (os melhores) parceiros

Sergio Santos celebra 70 anos com álbum que traz Leila Pinheiro, Maíra Manga e orquestra estoniana

AFFONSO NUNES

**S**ergio Santos chega aos 70 anos com uma celebração digna de sua interessantíssima discografia: um álbum inteiramente dedicado ao samba, com algo mais. “Todo Samba”, que chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (15) pela Biscoito Fino, reúne 13 canções inéditas e traz colaborações que comprovam que ter parceiros de qualidade é um dom deste compositor, violonista, cantor e arranjador mineiro. Este repórter, que admira o artista desde o irretocável “Áfrico” (2004), um manifesto vivo desta riqueza que é a afrobrasilidade, ouviu o novo álbum e é testemunha de seu imenso valor para a canção popular.

O trabalho nasce com fina conversa musical entre Santos e o clarinetista, compositor e arranjador Nailor Proveta em todo o álbum.



Divulgação

Proveta, mestre reconhecido na linguagem do samba e do choro costura cada faixa com o que Santos definiu como o “veludo inconfundível de seu clarinete”, improvisando com gosto por todo o trabalho.

Mas há mais. Paulo César Pinheiro, o parceiro mais frequente de Santos, preserva essa condição. A dupla já compôs mais de 300 canções numa cumplicidade de décadas. Em “Todo Samba”, essa sinergia aparece em composições como “Trate Bem Seu Bem”, “Inquietude”, Retato do Rio”, “Ordem do Rei” e a faixa-título.

A participação de Francis Hime, compositor e arranjador de sofisticação rara, aparece em “Serenadas Pedras”, onde divide a autoria da melodia com Sergio. Hime, que também assina arranjos no disco, traz a sua refinada linguagem harmônica para o projeto. Sua presença, junto com a de sua esposa Olivia Hime — que assina a letra da faixa e a interpreta com sua conhecida sensibilidade.

Outras vozes femininas ganham destaque especial no álbum. Leila

Pinheiro, “magnífica” segundo as palavras do próprio Sergio, divide vocais em “Inquietude”. Maíra Manga, jovem cantora mineira talentosíssima, participa de “Trate Bem Seu Bem”. “A presença feminina surgiu naturalmente, e creio que pode ter acontecido pelo quanto eu admiro essas vozes. A sensibilidade feminina sempre me chamou muito a atenção, e é curioso que no disco surjam de forma tão marcante as vozes de diferentes gerações, com personalidades artísticas tão definidas.”

Mas a novidade mais surpreendente vem de fora do Brasil. A Tallinn Studio Orchestra, orquestra de 24 músicos da Estônia, participa em quatro faixas do álbum. A partir de arranjos de Sergio Santos, os músicos estonianos foram apresentados ao samba, ampliando a sonoridade do projeto além do formato intimista de voz, violão e clarinete.

Há também a estreia de uma parceria: Santos trabalha pela primeira vez com o escritor e poeta Marçílio Godói, que assina letras no disco.

O álbum reflete uma filosofia que Sergio articula com clareza: o samba é “matriz” da música brasileira, mas não é um “riacho estreito” — é um “rio imenso e navegável, repleto de afluentes e bifurcações”. Cada canção em “Todo Samba” foi construída a seu modo, evitando jargões melódicos.

“Todo Samba” é, portanto, um retrato de como um compositor trabalha em seu melhor: cercado de gente que o entende, que o desafia, que o complementa.

# A ordem aqui é CAETANEAR

Paula e Jaques Morelenbaum recebem Moreno Veloso para revisitar a obra de Caetano em show gratuito no Espaço BNDES

## AFFONSO NUNES

**P**alco de excelentes apresentações dentro do projeto Quintas no BNDES, o auditório da instituição recebe nesta quinta (14), às 19h, um tributo a Caetano Veloso. Fiéis colaboradores do compositor, Jaques e Paula Morelenbaum recebem Moreno Veloso no show “Só Caetano” com entrada franca.

Paula Morelenbaum conta que, desde criança, admirava Caetano com a mesma intensidade que amava os Beatles. E agora canta suas composições em um palco compartilhado com Jaques Morelenbaum — violoncelista que produziu e arranjou quinze discos do homenageado — e Moreno Veloso, o filho que cresceu imerso nessa obra.

Serão ao todo 16 composições do mestre numa formação que inclui os músicos Lula Galvão (violão) e Marcelo Costa

(percussão) - integrantes da banda de Caetano.

“Caetano Veloso tem extrema significância na trajetória musical para todos que participam desse show”, destaca Paula, lembrando a emoção de ser convidada para cantar em álbuns de Caetano, como em “Você é Linda” e “Navio Negroiro”, além de haver gravado composições dele em seus próprios discos.

O repertório atravessa diferentes fases da trajetória de Caetano, com ênfase nas obras tropicalistas do final dos anos 60 — “Tropicália”, “Atrás do Trio Elétrico”, “Cajuína” — até composições mais recentes como “Você é Linda” e “Oração ao Tempo”. E equilibra clássicos conhecidos com faixas menos exploradas, como “A Rã” (parceria com João Donato) e “Avarandado”, revelando camadas distintas de uma obra que sempre instiga novas leituras. “O repertório abrange várias fases de sua carreira, mas prevalece o início”, explicou a cantora em suas redes sociais.



Divulgação

“Caetano Veloso tem extrema significância na trajetória musical para todos que participam desse show”

PAULA MORELENBAUM

Jaques, Paula e Moreno: um trio de proximidade com a obra do baiano

## SERVIÇO

**SÓ CAETANO - PAULA MORELENBAUM, JAQUES MORELENBAUM E CAETANO VELOSO**

Espaço Cultural BNDES (Av. República do Chile, 100, Centro)  
14/5, às 19h  
Entrada franca, com retirada de ingressos a partir das 18h30

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

### Para a Turma da Tijuca

Maria Alcina apresenta no Blue Note Rio nesta quinta (14), às 20h, show em homenagem aos clássicos de Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Tim Maia e Jorge Benjor. O espetáculo “A Turma Da Tijuca”, concebido pelo roteirista, cantor e compositor Heitor D’Alincourt, revisita sucessos como “Taj Mahal”, “W/Brasil”, “Não Quero Dinheiro”, “Descobridor Dos Sete Mares”, “Não Vou Ficar” e “Além do Horizonte”. O repertório gira em torno de um clássico de Alcina, “Fio Maravilha”, celebrando aqueles que ajudaram a moldar o pop nacional.



Divulgação

### Fechando a trilogia

O baterista, compositor e produtor Marcelo Callado apresenta seu novo disco “Brado”, lançado pela gravadora nova-iorquina Nublu Records, no Manouche nesta quinta (14). O álbum encerra uma trilogia iniciada com “Saída” e “Hiato”, explorando temas de turbulência emocional e libertação. Callado, que integrou bandas como Cê e trabalhou com Caetano Veloso, Elza Soares e Jorge Mautner. O setlist inclui faixas como “Amiga Lua”, “Encanto”, “Casca”, “Pisa Leve” e “Brado”, além de sucessos anteriores como “Verso Vivo” e “Só por Hoje”.



Divulgação

### Nas raízes da MPB

O violonista, cantor e compositor Rubinho Jacob (foto) se apresenta com a cantora e compositora Margot Cerqueira no Little Club, no Beco das Garrafas, nesta quinta (14), às 20h. O show explora samba, bossa nova e MPB, revisitando clássicos que marcaram a música carioca e apresentando composições que refletem mais de dez anos de parceria entre os artistas. A apresentação é um mergulho afetivo pelas raízes da música brasileira, unindo a precisão técnica de Rubinho à interpretação sensível e marcante de Margot.

# Um novo olhar sobre o oculto

Exposição 'Breu',  
do fotógrafo  
Vicente de Mello,  
está em seus  
últimos dias no  
Museu Nacional  
de Belas Artes



Fotos/Vicente de Mello

## AFFONSO NUNES

Depois de mais de cinco anos fechado para reformas, o Museu Nacional de Belas Artes começou a reabrir as portas em setembro de 2025. A primeira atração é a exposição "Breu", do fotógrafo carioca Vicente de Mello, que transforma um momento de transição do museu em material poético. Na Galeria de Moldagens 2, oito fotografias mostram as esculturas em gesso cobertas por tecidos protetores — aquele instante entre o fechamento e a reabertura quando nada é completamente visível.

As imagens foram tratadas digitalmente para adquirir um aspecto de negativo fotográfico, criando um efeito que desestabiliza as formas originais das moldagens. A ocultação de monumentos é uma intervenção explícita na forma como vemos e lidamos com essas obras. O resultado é uma série onde as presenças parecem suspensas, habitando uma zona entre o visível e o oculto.

Mello é figura relevante na fotografia brasileira. Em 2007, recebeu o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) de Melhor Exposição de Fotografia do Ano na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Sua trajetória inclui séries como "Topografia Imaginária" (1994-1997),

*Cobertas, as moldagens de esculturas do acervo do MNBA são vistas sob perspectivas instigantes a partir das imagens de Vicente de Mello*

"Galáctica" (2000-2019), "Monolux" (2017-2019) e "Limite Oblíquo" (2020). Suas obras integram acervos de instituições como Fondation Cartier (Paris), Maison Européenne de la Photographie (Paris), MAM Rio, MASP São Paulo e The Museum of Fine Arts (Houston).

A curadoria é de Aldones Nino, que vê na série uma resposta às transformações pedagógicas do século XXI. As moldagens em gesso — cópias diretas de esculturas originais dos principais museus europeus — foram ferramentas centrais no ensino artístico brasileiro até o século XX.

Ao fotografar as esculturas veladas, Vicente transforma um gesto técnico de conservação em metáfora visual, um convite à imaginação. A escuridão sugerida pelas imagens não aponta para o desaparecimento, mas para novas formas de circular pelo espaço expositivo de um museu.

A exposição integra a série de eventos "Um olhar pela fechadura", que prepara o terreno para a devolução total do MNBA ao público, prevista para o fim do ano.

## SERVIÇO

### BREU

Museu Nacional de Belas Artes -MNBA (Av. Rio Branco, 199 - 2º piso, Centro | Até 15/5, das 13h às 17h | Entrada franca